

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO E O IHGB

Adjovanes Thadeu Silva de Almeida¹

Resumo: O presente artigo pretende analisar a trajetória intelectual de Joaquim Manuel de Macedo e sua relação com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Discutimos o papel de Joaquim Manuel de Macedo na estrutura organizacional do Instituto Histórico, e, a seguir, sua contribuição para a historiografia nacional desenvolvida durante o Segundo Reinado, em especial sua obra “O Ano Biográfico Brasileiro”.

Palavras chave: IHGB; Joaquim Manuel de Macedo; História nacional; Brasil Império; Memória.

Abstract: This article aims to analyze the intellectual trajectory of Joaquim Manuel de Macedo and its relationship with the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB). We discuss the role of Joaquim Manuel de Macedo in the organizational structure of the Historical Institute, and then its contribution to national historiography developed during the Second Empire, in particular his work "The Brazilian Biographical Year".

Keywords: IHGB; Joaquim Manuel de Macedo; National History; Brazil Empire; Memory.

I - O autor em seu tempo

Joaquim Manoel de Macedo nasceu em Itaboraí, em 24 de junho de 1820, e morreu em 11 de abril de 1882; formado em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, não exerceu a profissão, obtendo um emprego público: professor de corografia e história do Brasil do Colégio de Pedro II; foi membro do Conselho Diretor da Instrução Pública da

¹ Professor efetivo e Coordenador Pedagógico de História do Colégio Pedro II/Campus Engenho Novo II. Professor supervisor do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II. Professor do Programa de Pós-graduação em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO e bolsista de produtividade FUNADESP 1 C. Doutor em História Social (UFRJ). Mestre em Educação (UERJ). Bacharel e licenciado em História (UERJ).

Corte; foi membro do IHGB, integrando a sua diretoria, a partir de 1852, como Orador e Secretário do Instituto Histórico (chegando, inclusive, a exercer interinamente a presidência do grêmio, em 1876), além de sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e de outras; comendador das ordens da Rosa e de Cristo; foi deputado provincial várias vezes, deputado geral (1864/68, 1878/81), jamais ocupando cargo executivo, e teve o seu nome colocado em uma lista para senador do Império.

A fidelidade de Joaquim Manoel de Macedo ao Imperador fora inequívoca: além de dedicar-lhe o livro "A Nebulosa", em seu discurso como presidente interino do Instituto Histórico, Macedo afirmou:

À presente sessão solene e aniversária falta, como faltou às nossas sessões ordinárias deste ano, a augusta presença ... o fraternal concurso de S. M. o Imperador, desde Março ausente do Império; ao partir, porém, (em viagem) de coração e de inteligência, o Sr. D. Pedro II deixou-nos suavíssima consolação e instante recomendação de solitudes. (...) A recomendação instante, dez vezes reiterada, insistente na despedida: - Cuidem do nosso Instituto Histórico - nós temos a consciência de ativo zelo em procurar desempenha-la, lembrando o imperial protetor, e cumprindo o nosso dever em todo caso de generoso tributo de patriotismo. (...) V. A. Imperial [a princesa Isabel] exprime, exalta e sublima nesta assembleia dois sentimentos transbordantes do coração de brasileira e do coração de filha: o amor da pátria e a saudade do pai: o amor da pátria, que honorifica a sociedade cultivadora da historia do Brasil; a saudade do augusto pai, a lembrar aquele que hoje sem duvida está lembrando-se do Instituto. (MACEDO, 1876 a, in: RIHGB, p. 467-470)

Escreveu diversos romances, dentre os quais: A Moreninha (1 ed., 1844), O Moço louro (1 ed., 1845), Os dois amores (1 ed., 1848), Roza (1 ed., 1849/51), Vicentina (1 ed., 1853), O Forasteiro (1 ed., 1855), Romances da Semana (coletânea de folhetins anteriormente publicados

em: A Semana, e Crônica do Jornal do Comércio, 1 ed., 1861), O Culto do dever (1865), Mazelas da atualidade (em verso, 1867), A Luneta mágica (1869), O Rio do quarto (romance histórico, 1869), Nina (1ª. edição, 1869), As Mulheres de mantilha (romance histórico, 1 ed., 1870), Um noivo e duas noivas (1871), A namoradeira (1870), Os quatro pontos cardeais (1872), A Baronesa de amor (1876), A Nebulosa (poema-romance, 1857), Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro (em estilo romântico, 1862, 63).

Também escreveu óperas, peças teatrais, dramas e comédias, e obras sacras, dentre as quais: O Amor da pátria (hino bíblico, RIHGB, 1848), além de O Cego (drama em verso, 1849), Cobe (drama, 1852), O Sacrifício de Isaac (drama sacro, 1859), O Fantasma Branco (ópera, 1856), O Primo da Califórnia (ópera, 1858), O Novo Otelo (comédia, 1863), Cincinato quebra-louça (comédia, 1873), A Torre em concurso (comédia, 1863), Vingança por vingança (drama, 1877), Luxo e Vaidade (comédia, 1860), Remissão dos pecados (comédia, 1870); Amor e pátria (sem data), e Lisbela (1863). Igualmente, fundou e redigiu (até 1852), na companhia de Manoel de Araújo Porto Alegre e Antonio Gonçalves Dias a revista: Guanabara; além de haver colaborado com o Jornal do Comércio.

Macedo também escreveu obras de nítido teor político, destacando-se, entre outros: As Vítimas e Algozes: quadros da escravidão (1869), onde “procura o autor excitar a compaixão para o escravo e propagar o abolicionismo” (SACRAMENTO BLAKE, 1970, v. 4, p. 186); Discurso proferido na Assembleia provincial do Rio de Janeiro em 13 de outubro

de 1859 (1859); A Nação, órgão do partido liberal do RJ, entre 1852 e 1854, onde foi companheiro de Francisco de Salles Torres Homem (futuro Visconde de Inhomirim).

Entretanto, Joaquim Manoel de Macedo foi, ainda, autor de livros para o ensino de história, dentre os quais citamos: Lições de história do Brasil para uso dos alunos do imperial colégio de Pedro II (1861, 1863); Lições de história do Brasil para uso das escolas de instrução primária (2a. edição, 1865); Noções de corografia do Brasil (1873); Lições de corografia do Brasil para uso dos alunos do imperial colégio de Pedro II (1877); Mulheres célebres (obra adotada pelo governo imperial para as escolas primárias femininas da Corte, 1878). Escreveu, ainda, os seguintes livros, cujo assunto foi o passado do Brasil Império: O Ano Biográfico Brasileiro (1876); Suplemento ao Ano Biográfico Brasileiro (tratando do 1º. quadrimestre do ano, 1880); Efeméride da história do Brasil (1877), que consistiu de “uma reprodução de escritos publicados no “Globo” diariamente... abrange as datas de 1 de janeiro a 30 de abril”. (SACRAMENTO BLAKE, op. cit., p. 189)

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB) encontram-se, de autoria de Joaquim Manoel de Macedo: Cinco Relatórios, como Secretário (entre 1852 e 1856); Vinte Necrológios, como Orador (entre 1857 e 1879); um Discurso, como Presidente (em 1876, quando presidiu a sessão magna); e Dúvidas sobre alguns pontos da história pátria (no t. 25, 1862).

O livro “O Ano Biográfico” foi escrito com o intuito de participar da Exposição da Filadélfia, constituindo-se, portanto, numa visão oficial sobre a História brasileira. A Exposição de Filadélfia, realizada em 1876, foi um acontecimento internacional que, tendo por objetivo a comemoração da independência dos Estados Unidos, procurou demonstrar a comemoração do primeiro centenário da independência dos Estados Unidos, procurou demonstrar aquilo que cada Estado soberano acreditava ter de mais relevante de si para expor ao mundo, procurando, cada qual, demonstrar seus avanços científicos e tecnológicos e sua inserção na (e como representante da) Civilização; tais exposições comemoravam o progresso. (HOBSBAWM, 1988, p. 54)

No Brasil, a Exposição de Filadélfia produziu grande alvoroço - D. Pedro II, inclusive, foi aos Estados Unidos, durante a qual visitou a exposição - tendo sido mobilizados intelectuais de diversas províncias (além da Corte), com o objetivo de construírem a melhor imagem possível do único Império existente, à época, nas Américas. Ao Império do Brasil era essencial não ser exibido como "exótico", mas, ao contrário, como um baluarte avançado da Civilização nos trópicos; neste sentido, o governo imperial enviou uma comitiva para acompanhar os preparativos da Exposição, sendo um dos objetivos desta comitiva produzir uma imagem "simpática" do Império.

Com efeito, em “O Ano Biográfico”, Joaquim Manoel de Macedo redigiu um total de 365 biografias – uma para cada dia do ano – que, ao seu modo, ajudariam na compreensão da trajetória da sociedade

brasileira desde 1500. Em linhas gerais, tais biografias explicitariam a ação dos vultos mais proeminentes da história brasileira, desde os primórdios da colonização portuguesa na América.

Nesta obra, Macedo destacou algumas ações que julgava dignas de lembrança dos “grandes homens”; é importante frisar que tal obra fora selecionada pelo Estado brasileiro para compor seu stand na Exposição Internacional da Filadélfia, realizada em 1876. Neste sentido, Macedo participou ativamente da construção de uma História para o Brasil, difundindo a noção de missão civilizadora da monarquia bragantina nos trópicos, e, simultaneamente, auxiliando na construção de uma identidade cultural para o jovem Estado Nacional brasileiro.

Assim, por exemplo, o autor valoriza o passado colonial, enfatizando as ações de expansão territorial e administração portuguesa nos trópicos, além da difusão da religiosidade católica; Macedo destacou, entre outros, o governador Tomé de Souza, identificado como aquele que trouxe “ordem social, e, portanto, fundamentos da Civilização (...) [foi] placenta da civilização primitiva”. (MACEDO, 1876, v. 1, p. 386, 388) No discurso de Joaquim Manoel de Macedo, a manutenção da ordem constituía-se em um dos pilares da sociedade.

Outro aspecto destacado na narrativa de Macedo sobre o período colonial refere-se à defesa do território português na América contra holandeses e franceses. Assim, em relação à ocupação holandesa do Nordeste, Macedo utilizou-se do "mito das 3 raças", acrescentando João Fernandes Vieira (simbolizando o branco nascido em Portugal), e as

mulheres: D. Clara Camarão (esposa de D. Antonio Felipe Camarão, e, como este, indígena), e D. Maria de Souza (esposa de Gonçalo Velho), considerada, pelo autor, uma “nobre senhora pernambucana” (Idem, p. 455) à tríade representada por André Vidal de Negreiros (representando o elemento branco nascido na colônia americana), D. Antonio Felipe Camarão (representando o indígena) e Henrique Dias (representando o negro).

Ainda no que se refere ao período colonial, o autor enfatizou algumas áreas da América Portuguesa, ao abordar o local de nascimento dos seus biografados, em particular Rio de Janeiro e Bahia, com total de biografados superior, inclusive, em relação a Portugal: assim, o Rio de Janeiro fora o local de nascimento de 42 personagens, a Bahia de 27 e Portugal de 26.

Ao mesmo tempo, Macedo valorizou os primeiros cronistas da América Portuguesa, destacando, em primeiro lugar, Pero Vaz de Caminha em função de sua “carta” sobre a chegada de Cabral às terras americanas, e, ainda, Pero de Magalhães Gondavo, identificado como *“venerando obreiro da civilização que lançou a primeira pedra nos fundamentos da história do Brasil”* (MACEDO, op.cit., v. 1, p. 535-536) e Sebastião da Rocha Pitta, denominado “o pai da historia, (...) senão pôde ser o sol, foi pelo menos a brilhante aurora da História do Brasil” (MACEDO, 1876, v. 2, p.11). Observe-se, aqui, a preocupação em demonstrar a presença de historiadores já no período colonial,

produzindo informações que, posteriormente, seriam incorporadas na análise do IHGB, transformadas doravante em fontes.

Para Macedo, o herói possuía o sentido da história, modificando a realidade ao seu redor; no Brasil independente, a manutenção da unidade territorial sofreu graves riscos e somente os “grandes homens” tinham a consciência da importância do poder central para concretização do papel histórico destinado ao Império, como elemento civilizatório; neste sentido, políticos e militares, detentores desta consciência, destacaram-se como os heróis contemporâneos no livro *O Ano Biográfico*. Assim, cerca de 67% dos biografados no período 1822-1876 tiveram atuação na administração pública e/ou nos conflitos militares (internos e externos) que envolveram a sociedade brasileira. No Império, mais que em qualquer outro período retratado em “O Anno...”, a função de membro do Estado revelou-se essencial; foi este quem administrou, civilizou, estabeleceu a paz com outros países, praticou os atos da guerra, pacificou o país, fez a Independência e os Primeiro e Segundo Reinados, sustentou o período regencial, policiou o país, mantendo a ordem social e defendendo a propriedade, funções correlatas e cotidianas ao ocupante de cargos administrativos.

Desta maneira, seria de causar espanto D. Pedro I possuir a maior biografia? Certamente não. Sua efeméride (12 de outubro) coincide com seu aniversário e a data de sua coroação como imperador do Brasil, permitindo a Macedo tentar produzir-lhe uma imagem menos marcada pelo autoritarismo:

Perto de meio século já lá vai depois que desapareceu dentre os homens D. Pedro I, e a história imparcial e severa que registra seus erros, justa e devidamente honorificadora de sua memória o apresenta à posteridade com o esplendor de títulos tão grandiosos que obrigam a admiração. (MACEDO, 1876, v. 3, p. 236)

Ou, ainda, que suas páginas abrigassem Diogo Antonio Feijó, regente cuja efeméride vincula-se à posse no cargo de ministro da Justiça? Ora, tal personagem “foi o ministro que salvou a ordem e a monarquia, e em todos os tempos o exemplar da firmeza, do desinteresse pessoal, da honra”. (MACEDO, op. cit., v. 1, p. 160)

Percebe-se, com estes dois exemplos, um dos papéis que a História deveria possuir na obra de Joaquim Manuel de Macedo: tribunal a julgar os feitos humanos, produzindo provas que permitiriam condenar ou absolver os agentes, em função da intencionalidade e das consequências advindas de seus atos.

Referências

BENTO, Cláudio Moreira. “Projeção do Exército no Sesquicentenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Suplemento. Rio de Janeiro, 1988 (1-289).

_____. “O Exército no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Suplemento. Rio de Janeiro, 1988 (1-289).

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

____. *Nações e Nacionalismo desde 1780 - programa, mito e realidade*. São Paulo, Paz e Terra, 1991, p. 49.

IGLESIAS, Francisco. “Há 150 anos fundava-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Suplemento. Rio de Janeiro, 1988 (1-289).

MACEDO, Joaquim Manoel de. *O Ano Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. e lit. do Imperial Instituto Artístico, 1876, 3 v.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: IHGB, 1876.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 4 volumes, 1970.

SEARA, Berenice. “IHGB: a memória do Brasil faz 150 anos”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Suplemento. Rio de Janeiro, 1988 (1-289).

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAPAJÓS, Vicente. A Revista em três tempos. In: *RIHGB*. Rio de Janeiro, 150 (362): 1-180, jan./mar. 1989.

TAVARES, Aurélio de Lyra. O Sesquicentenário do Instituto. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Suplemento, Rio de Janeiro, 1988 (1-289).

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1972.

____. *História da Independência*. São Paulo, Melhoramentos, 1972.

* * *